

plásticas

A nova Vanda cotidiana

Jayme Maurício

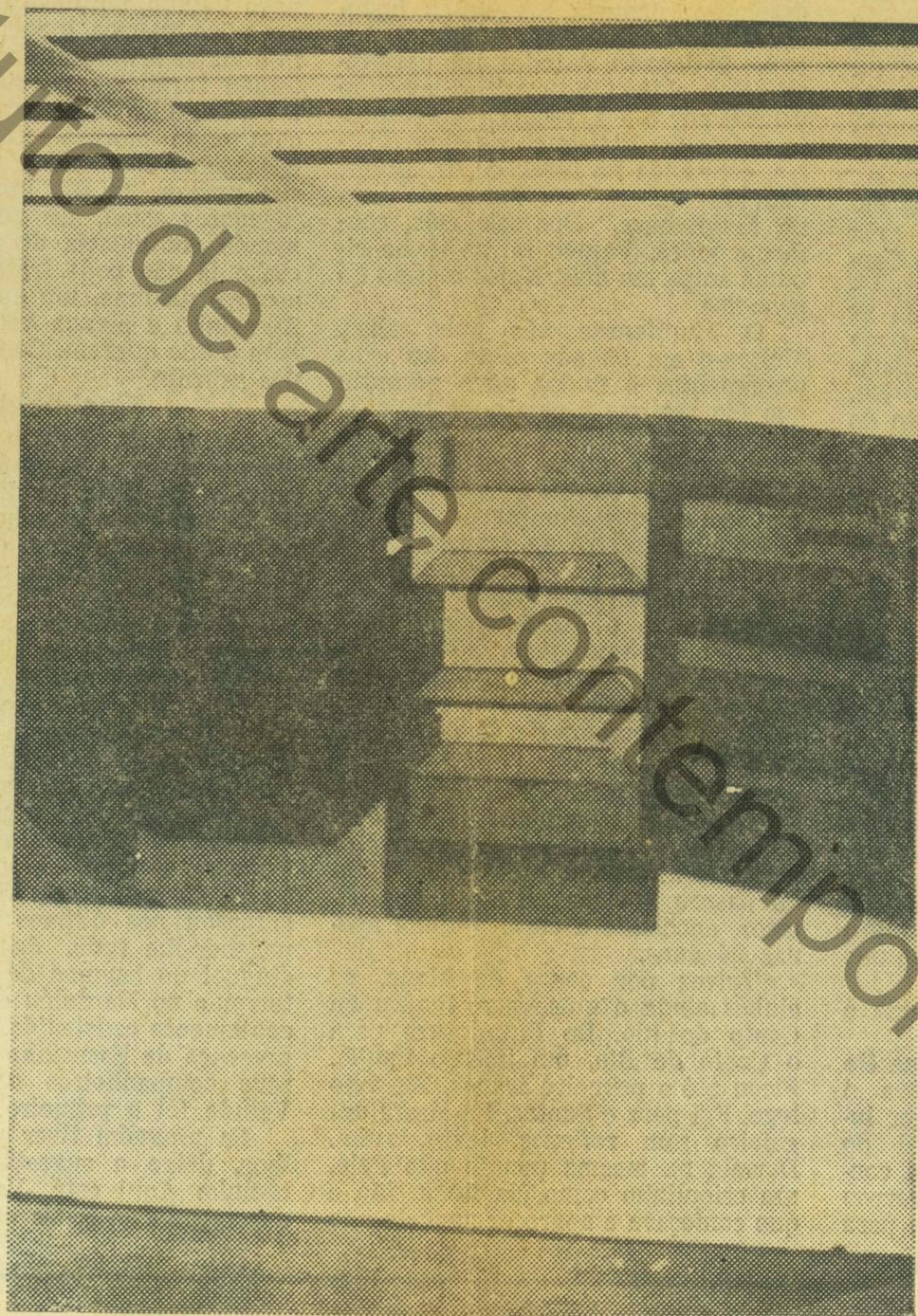
Na nova geração brasileira de pintura, entre os nomes que têm despertado maior interesse está o de Vanda Pimentel. Sua produção atual na Petite Galerie, talvez não chegue a atingir um nível excepcional ou um caráter definitivo. Mas demonstra claramente que não é injustificado aquele interesse. Vanda liga (leia-se concilia) muito bem a busca necessária da inovação através de idéias novas com as qualidades artesanais indispensáveis à sua proposta. Cada composição sua impressiona desde logo pelo planejamento e execução. Não sacrifica a isto, porém, o sentido profundo do que quis dizer e disse com solidez.

No plano ainda necessário das referências, chamaríamos a atenção para uma curiosa correlação entre as composições plásticas de Vanda e a produção de certos autores contemporâneos do chamado teatro do absurdo. Dentro desse teatro, distinguem-se uma tendência dadaísta e uma tendência mais estranha, na qual o

O FIM É A MENSAGEM

absurdo é dado através de apenas um enfoque sutil sobre o cotidiano. Esta última tendência não busca, portanto, o efeito espetacular, no sentido convencional do termo. É este também o caso de Vanda Pimentel, defensora de um arrebatado realismo que, entretanto, não se volta para o fantástico. Ainda nesta tecla de referência, há que notar que alguns neo-realistas agradaram a jovem pintora, como os americanos (o Wesselman dos objetos, Thiebault e até certo ponto o próprio Liechtenstein com suas histórias em quadrinhos), os britânicos (Allen Jones e sua obsessão de pés) e italianos (o Adami dos banheiros públicos e privados). Mas hoje não chegam a pesar demasiadamente. Vanda torna-se cada vez mais pessoal e segura.

O realismo extravagante ou arrebatado, mas não fantástico, de Vanda, lança-nos diante de uma real dimensão de profundidade, embora a obsessão do plano. Isto, num sentido metafórico e ao mesmo tempo num sentido literal. É de fato fascinante a maneira intrinsecamente confusa, mas bem funcional do ponto de vista de mensagem e do ponto de vista plástico, segundo a qual Vanda realiza o acoplamento entre a bi e a tridimensionalidade. Um de seus recursos para a original fusão é a perspectiva, usada de modo que deveria ser realista, mas que nos remete ao plano, negando-se a si mesma. Vanda com-



põe agora objetos pintados ou pinturas-objetos nas quais a figuração deixa o plano da parede para se projetar perpendicularmente a êle; até mesmo esse concretíssimo avanço sobre a tridimensionalidade contém uma indicação de volta ao plano. A mesma ambigüidade rica em conotações é empregada na construção plana de **objetos impossíveis**. Esses objetos tendem a funcionar como unidades isoladas, mas percebe-se logo que eles se continuam no ambiente que lhes cerca, ou que simplesmente definem relações irrealizáveis nas três dimensões que sugerem. Por meio desses recursos, a artista sutilmente solapa a solidez de seu sólido mundo. Os telefones, câmaras de cinema, computadores, máquinas de escrever e barbeadores que desfilam na sua denúncia da sociedade de consumo, transmutam-se para uma outra realidade; são ao mesmo tempo inflacionados e dissolvidos, glorificados e ironizados — na linha já clássica da **pop-art**, mas com uma conotação original. Num certo sentido, Vanda Pimentel parece glosar-se a si mesma, ao dar seu **show** de competência e capacidade de trabalho.

Além das composições em plano vertical, a artista apresenta agora também **objetos de chão**, construídos em torno de um outro gênero de “utilidades”: ralos, tampas de caixas de gás e de canalizações subterrâneas em geral.

Esses objetos são bastante dinâmicos em sua ostensiva estática. Retilíneos e muito simples, sem quaisquer elementos barrocos, forçam, entretanto, os olhos e quase os membros locomotores ao movimento. Concretizam a rica ambigüidade entre bi e tridimensionalidade, em um novo sentido que sublinha o horizontal, o baixo, o subterrâneo. Os ralos e as tampas são apresentados, entretanto, muito bem acabados e comportados, perfeitamente revestidos de tinta e na mais completa harmonia com os elementos plásticos circundantes. O pé — agora às vezes reduzido ao dedão — continua sendo usado por Vanda Pimentel como a marca da presença humana em seu mundo de utensílios. É mais um de seus recursos simples para a criação de mistério no seu programa denunciador. Assinale-se ainda que, como um todo, a produção de Vanda, agora exposta, difere da anteriormente vista, por uma simplificação maior de elementos, sem redução do impacto funcional.

Começamos este comentário dizendo que a atual mostra de Vanda Pimentel não chegava a ser definitiva; terminamos quase provando o contrário, parece. São as dificuldades hoje terríveis do ofício, algo caduco do crítico de arte, sobretudo quando depara-se com o novo e quer dialogar e caminhar com êle, sem os ranços do julgamento **tout court**. É preciso ver e rever com freqüência o novo que apresenta Vanda Pimentel. E na sincera confissão desta necessidade talvez esteja o que de melhor poderíamos dizer sobre o trabalho da jovem artista.